

ROJO, Roxane (Org.). *Escola conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013.

Você sabe o que é AMV? E MUD? E quanto a fanfics? Não? Então precisa ler o mais recente livro organizado por Roxane Rojo, professora livre-docente do Departamento de Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Nele, a competente e *up-to-date* linguista reúne material produzido por seus orientandos (mestrandos e doutorandos). São artigos que se voltam para os letramentos no mundo digital. Mais do que isso, o livro revela a preocupação dos pesquisadores com o fato de que a instituição escolar desconhece as múltiplas possibilidades do ciberespaço. Segundo Roxane Rojo, é “preciso que a instituição escolar prepare a população para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital e também para buscar no ciberespaço um lugar para se encontrar, de maneira crítica, com diferenças e identidades múltiplas.” (ROJO, 2013, p. 7)

Neste sentido, uma das discussões-chave neste livro diz respeito a práticas de leitura e escrita compartilhadas nas quais a figura do autor ou mesmo do texto são desconstituídas e ressignificadas: eis a caracterização do mundo da web 2.0. Trata-se de um mundo no qual os sujeitos participam de modo inimaginável há vinte anos e exigem agora um novo *ethos* e uma nova mentalidade. Diante de uma contemporaneidade na qual se tem novas práticas de letramento, cabe à escola conectar-se a esta nova ordem mundial e repensar suas práticas. Aí reside a grande contribuição do livro: provocar a escola quanto ao real significado de suas práticas no que tange à leitura e à escrita. O que tem sido proposto como material de leitura para jovens que estão submersos na cultura digital? Como os professores têm lidado ou têm aprendido sobre as culturas juvenis que são completamente diferentes daquelas que eles construíram no passado?

Em capítulo intitulado “Diferentes formas de ser mulher na hipermídia”, Mariana Batista de Lima e Paula Bacarat de Grande, problematizam o fato de que o jovem hoje dialoga com saberes que não são legitimados pela escola. Segundo as autoras, os alunos usam os meios digitais muito mais fora da escola e com diferentes finalidades que não aquelas estabelecidas pelas instituições de ensino, criando-se aí diferentes usos para os textos. Para as pesquisadoras, “o que se pode constatar é que os alunos não deixam de ter contato com esses saberes que se apresentam nas novas mídias; o que ocorre é que eles usam mais os meios digitais fora do ambiente escolar e para uma gama de diferentes propósitos”. (2013, p. 57) Tal ideia é aqui ratificada, uma vez que pode levar o professor a refletir sobre “o porquê do considerável fracasso das instituições escolares nas últimas décadas, como atestado pelos

altos índices de evasão escolar e pelas altíssimas taxas de letramento insuficiente: - 74% da população brasileira em 2003”. (2013, p. 58 apud ROJO, 2009, p. 10)

Outro destaque merecido é o capítulo “Fanfics, google docs...a produção textual colaborativa”, de Eliane Fernandes Azzari e Melina Aparecida Custódio, onde é colocada a seguinte pergunta: “Por que não trabalhar com a literatura valorizada pela cultura juvenil no espaço digital?” (2013, p. 82) Ao questionarem desse modo a seleção de textos promovida pela escola, as autoras apontam como alternativa uma “pedagogia de multiletramentos”, que dê conta do perfil e dos interesses do leitor jovem. Trata-se do estabelecimento de um novo olhar, da parte do professor, no sentido de “enxergar o aluno em sala de aula como o nativo digital que é: um construtor-colaborador das criações conjugadas na era das linguagens líquidas.” (2013, p. 74).

Se você gosta de ter a visão do todo, ei-la: O livro é composto por uma apresentação na qual se define o aporte teórico e também o embrião do projeto, a disciplina Estudos do Letramento, oferecida pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada do IEL/UNICAMP. São dez capítulos, dedicados a diferentes gêneros textuais e a diferentes práticas de leitura e escrita na web, tendo como perspectiva os multiletramentos e a discussão sobre o papel ou a ausência da escola na formação do jovem leitor/produtor de textos.

Depois de exaustivas análises e múltiplas ponderações, o livro se propõe a ousadia – mais do que elogiável – de criar sequências didáticas voltadas para o ensino de línguas. No capítulo que finaliza a publicação, Eliane Azzari e Jezreel Lopes se aventuram na difícil tarefa de criar materiais didáticos digitais. Em seu artigo, afirmam que “uma educação linguística que dê conta dos novos letramentos implica uma ‘reconfiguração de valores’ em relação a uma pedagogia convencional (...), a fim de atender às necessidades do alunado pertencente à sociedade contemporânea (...).Advogamos uma pedagogia de multiletramentos.” (2013, p. 195) O final não poderia ser melhor. Afinal, os acadêmicos tanto discutem, analisam e ponderam. Não seria o caso de começarmos também a produzir material a ser utilizado nas escolas brasileiras?

SIMONE ASSUMPÇÃO

Professora do Instituto de Letras da UFBA e coordenadora do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) LETRAS UFBA.